

# A VELHA GUARDA



ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Notícias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

1 8 9 1

## A amisade dêles

Dr. Mariano Felgueiras

Clarão rubro de sangue que resplandece numa pureza de estrela no limiar da minha vida, a madrugada épica do 31 de Janeiro!

Eu ainda não completara bem 7 anos. Mas toda a minha emotividade se despertou numa convulsão brusca, ao vibrar da Nação nessas horas que foram trágicas e, acima de tudo, redevoras.

Quem sabe se a minha sensibilidade, perante o destino da nossa Pátria, ficaria no simples embrião que em tantos nunca consegue desenvolver-se, se não fora esse arranque heróico de meia dúzia de sonhadores?

A minha geração, e outras que de perto se lhe seguiram, foram criadas sob a impressão avassaladora do 31 de Janeiro. E é por isso que foi possível e fácil outra alvorada; a de 5 de Outubro; e é por isso que a ideia da República continuava pairando alta, inacessível a todas as desditas e a todas as misérias.

—Loucos!—disseram os homens da ordem os homens do senso, os Sancho-Pauças do egoísmo, que nunca puderam compreender que por uma ideia fosse possível sacrificar a abastança duma vida e até essa vida.—Loucos, que fazem derramar sangue e perturbar a tranquilidade dos negócios numa intenciona que nunca terá, nem podia ter, qualquer esperança de êxito neste país que há tantos séculos tem a dita e a honra de servir de pasto a uma rédua anafada e voraz.—E continuaram beatificamente a digestão que o ruído dos tiros liberticidas da Guarda Municipal interrompera...

Como se enganavam! Uma revolução vencida é uma ideia triunfante, que persiste, que se infiltra, que alastra, que cresce, que domina; é vaga de glória que tudo subscreve, é ideal que se transubstancia em todas as consciências iluminadas.

O sangue de 31 de Janeiro é a redenção de Portugal; é o 5 de Outubro de ontem, será a vitória imarcescível das liberdades públicas e da emancipação nacional na hora que o Destino tiver marcado e que nenhuma força humana poderá retardar.

Paris, Janeiro de 1931.

Mariano Felgueiras.

De O Povo de Penafiel.

### Uma no cravo...

Temos, aqui à mão, uma gazeta católica que se publica na Póvoa de Lanhoso e cujo artigo de fundo muito nos impressionou. Garrafalmente se intitula: *Confiemos no futuro da nossa Pátria*.

Da nossa Pátria!  
Qual delas? Portugal ou Roma?  
Era bom saber-se para inquirir da autoridade que o articulista se arrogou ao criticar a República e os actos dos seus Homens.

«O homem só é digno desse nome quando é útil a si e aos seus semelhantes».

António José d'Almeida

O acaso fez-nos chegar às mãos um jornaleco da capital—odiosamente baixo nos seus processos de luta e reaccionário como todas as ordens de Lóiola concentradas em essencia—que é, segundo parece, dirigido por um tal «Nemo», que dá também pelo nome de Fernando de Souza.

Trazia êsse pasquim um artigo sob a epígrafe «Mártires da Pátria». E alguém, que nos proporcionara tal leitura, apontava-nos nervosamente êste bocado de intuitiva prosa:

«Para longe impaciências doentias!.....  
Sem capitularmos com o mal, inspiremo-nos num alto critério patriótico....  
Na hora própria, novo período de vida próspero e digna será aberta ao velho e glorioso Portugal.... Pensamos hoje como há cinco anos....»

Lemos e sorrimos. E o nosso amigo, fremente de indignação, irrompia em temerosa ira contra o aspecto aparente das coisas.

Continuamos a sorrir. O nosso amigo, para quem esta atitude era indecifrável, exclamou então:

—Mas esta gente está doida! Espantoso, único, medonho. Esta não lembrava ao diabo. Pode lá ser! Não vêem a transformação que o ultramontanismo e a má doutrina dos «Nemos» procuram dar a êste ambiente que generosamente criamos saturado de Liberdade e Democracia? Isto é injectar peçonha num arcaboço que ainda respira a longos haustos o pouco ar que lhe resta. Então a República, tudo isto que nos cerca, tudo isto que é nosso, pertence-lhes? Leiam essas palavras; meditem-nas um momento que seja.

—O nosso amigo está no cúmulo da exaltação e não pode raciocinar—objectamos nós. Serene um pouco êsse feixe de nervos.

Há em tudo isto um grande equívoco. A República está consolidada em Portugal. Jámais caírá. Deixe manobrar êsses reptis da sombra porque o Exército e a Armada da República vigiam serenamente, rindo dessa impotência imbecil. Que vale «Nemo», um ninguém, um chacal—no dizer lucido do sr. Ribeiro de Carvalho—? Que vale êsse porta-voz da mentira, cujo halito pestilento vem causando nôjo e vômitos a uma Nação inteira, tão ciosa por tradição da sua hygiene moral?

—Mas aquêles ares de conselheiro... aquela importância...  
—Não atropelle os acontecimentos. Repare bem: o Governo da Ditadura tem-lhes permitido tudo porque está sciente da sua força e não deixará sem castigo qualquer arremetida. Essas frases que nos aponta têm a única virtude de desmascarar muitas camarilhas que dizem apoiar a Ditadura, cuja directriz é republicana.

Dizem apoiá-la e mostram os colmilhos com vontade de mordê-la. Parecem defendê-la para com maior segurança a atraioçar. Porque em «Nemo» tudo o que há de pior é possível. Vem daí, como vê, —o abandono a que estão lançados os republicanos de *verdad* abandono que os mastins procuram ampliar. — E então?...  
—O Exército e a Armada da República não dormem. A República é hoje um axioma em Portugal; e o Governo da Ditadura apregôa a toda a hora o seu republicanismo. Porisso vejamos: assistimos a cada passo às tentativas que os monárquicos das duas correntes protejam em plena República: conferências públicas, comícios de integralistas, paradas religiosas etc...

Mas o Governo da Ditadura assiste serenamente a isto, sciente—como dissemos—da sua própria força. Espera-os com paciência... mas êsses inimigos da Ditadura têm medo. — Mas — interrompeu-nos o nosso amigo quasi vitoriosamente — então os nossos receios não eram infundados...

Não eram. Os monárquicos trabalharam sempre afincadamente para derrubar a República. Mas em vão, porque o Exército e a Armada da República defendem as instituições. Não esqueça v. que os inimigos da situação presente, nomeadamente o velho chacal que fez exarar nêsse pasquim tamanha indignidade, mexeram todas as susceptibilidades a fim de dissolver a Família Republicana.

Daí, ainda, o profundo desentendimento que nos separa da Força Republicana da Ditadura. Que nos separa há muito!  
Não calcula um «Nemo» o sentido doloroso destas palavras. Que nos separa... V. compreende que nas nossas fileiras lutam Republicanos duma só Fé, Republicanos dum só Crêr, homens que à República têm dado o melhor da sua seiva, uma multidão de valores, enfim.

Não obstante, os «Nemos» mentem, caluniam, intrigam, anavalham como canalhas apontando o perigo que não existe de revolução.

E de entre êsses «Nemos» surge-nos instantemente o que dá pelo nome de Fernando de Souza, na sua monstruosa construção de delator.

—V. v., no fundo pensam como eu —perorou o nosso amigo quasi tranquilo.

Nós temos absoluta confiança no republicanismo da Força Armada. Ela assiste serenamente a isto porque a não assustam as maquinações de «Nemo»; ela apenas vê nessas manobras um rebaixamento moral, uma demência sem limites. E' de pasmar.

Que significam pois essas garatujas?  
Nada de horroroso e muito de ridículo.

O Exército e a Armada da República toleram-lhes os dizeres porque—perdoem-nos os leitores esta expressão—vozes de burro não chegam ao céu.

E êle, apesar de ser temente a Deus e católico dum maldoso fanatismo revoltante, nunca lá chegará. Nunca lá chegará! Estes amigos da situação são por vezes excêntricos.



Passa hoje mais um aniversário natalício, êste nosso correligionário e amigo, presidente da Comissão Municipal do P. R. P. do concelho de Guimarães.

Por êste motivo foi enviado a S. Ex.ª o seguinte telegrama:

*Comissão Municipal Partido Republicano Português nome todos correligionários saída V. Ex.ª dia aniversário.*

### General Norton de Matos

Êste nome glorioso equivale para nós—republicanos—a uma alta figura simbólica que personifica em si genuinamente o brio de soldado e a honorabilidade de fino estadista. A conduta irrepreensível dêste grande democrata vem impressionando os quatro cantos do nosso planeta civilizado.

E' uma figura de alto relevo político, um paladino sem mácula que luta denodadamente pela pureza dum ideal.

E' grande porque é modesto e define-o com elevação um autografo que a «Humanidade»—jornal do livre pensamento—recebeu de suas mãos.

Diz assim:

*Basta uma geração para a mentalidade de um povo se modificar; mas certamente os homens do 31 de Janeiro pensaram como nós que não pode haver República sem Liberdade e Democracia.*

E assina: NORTON DE MATOS.

Estamos em presença dum vasto pensamento, cuja síntese toma fôros de poema.

### Deliciosa ocorrência

Dizem-nos que há nesta cidade um médico, no pleno desempenho das suas funções terapêuticas, que pede a benção e beija as mãos de alguns clientes antes de proceder á arte de Esculápio. Vem a talho de foice encomendá-lo ás almas piedosas.

Êle é—como se vê—mais um que vai direitinho ao Céu, quando morrer.

**Paiva Couceiro e os seus «dares e tomares»**

Disseram as gazetas que este cavalheiro ia retomar a actividade politica.

Retomar a actividade politica!?!...

Não percebemos nada. Retomar essa actividade com que direito? Com que fim? Acaso entregou elle aos Cofres Públicos aquêles milhares de contos que abusivamente levou para Espanha após a Traulitanea?

—Não, apenas botou epistola dizendo reter essa insignificancia para regalo seu e dos seus.

*Cinismo e audácia!* Mas... atribui-se-lhe autoridade moral alguma para que, a seu bel prazer, retorne uma actividade que nunca desenvolveu com lealdade, nobreza e elevação?

Quanto a moralidade é «um modelo da causa monárquica» que, junto de muitos outros em condições similares de abstenção, caracteriza as aguerridas hostes realistas (a do Manuel II — a do Nuno á I — duas hostes); gente, como vêem, com *entranhado amor Pátria* e capaz ainda mais de transformar isto num *Portugal maior* — muito maior que o da outra vez. Têm boas ideias e pontos de vista muito práticos.

Quanto a talento... Paiva Couceiro é um Himalaia que vem ofuscar todos os politicos portugueses, um Demóstenes com veia para o caso... em suma; é uma maravilha de bigodes fartos.

...Mas perguntamos nós, com que fim retoma a actividade politica? Porventura enxerga elle a possibilidade da restauração monárquica? — Não, salvo um formidável

erro de óptica. *E a Pátria deve prescindir dos seus serviços.*

Porque: Sofreu ataques á mão armada, discussões, latrocínios, violências etc. sob a direcção patricida deste *illustre cavalheiro*;

Adoptou a República, pela voz do seu povo, e repele como indigno do seu aconchêgo todo o videirinho que procura anavaliá-la pelas costas, lançando espalhadamente o luto pelas familias;

Não esqueceu ainda aquêles milhares de contos que os da Traulitanea, sob as ordens do dito, levaram dos seus cofres como o fariam quaisquer salteadores de estrada;

Considera a razão antecedente como o eterno oprobrio da causa monárquica e sintoma evidente dos seus apetites desenfreadamente asquerosos;

Quere seguir na senda do Progresso, e só o poderá fazer a dentro duma sã Democracia.

A Pátria diz isto e muito mais a Paiva Couceiro. Mais ainda: expressar-lho-ha com a máxima clareza em occasiões mais oportunas. Não esqueceu por ora o flagelo das incurções e latrocínios.

Mêsmo assim, corai de vergonha, homens honrados! A «Voz» chama-lhe *valente caudilho*.

Valente caudilho!... Esta de elle retomar a actividade politica dá-nos volta á mioleira. Querem vêr?... E' mais uma incursão que Paiva Couceiro faz em território da República Portuguesa.

**Pela Pólvora**

O actual comandante do posto de policia desta cidade, sub-chefe sr. Machado, resolveu, e muito bem, que no referido Posto houvesse um guarda de serviço permanente durante a noite.

Aplaudimos esta medida, e bom é que ela se mantenha.

O mesmo funcionario tem tomado tambem muito a sério a fiscalização relativamente á protecção dos animais, para o que tem prestado todo o auxilio á Direcção desta colectividade. Da mesma forma, tem fiscalizado as tabernas, muitas das quais não cumpriam o que está determinado quanto á hora do encerramento. Neste sentido tem feito algumas *rugsos*.

E' assim que se compreende a existência da Policia de Segurança Pública, porque o contrario seria deixar correr ao *Deus dará*, e, assim, não estaria certo. Não basta, porém, a boa vontade do sr. Machado. E' necessário que os seus subordinados cumpram com o seu dever, e é isso o que tambem procuraremos indagar.

**Justo reparo**

Chamamos a atenção de quem de direito para as avenidas das muralhas. Está intransitável, é uma lástima e — curioso facto! — todos os seus moradores pagam contribuições. O facto colide com o espirito da nossa Vereação que tem pelas muralhas uma velha consideração.

**Orando...**

Senhor, tende piedade de nós, os vimaranenses e acudi, com a Vossa Divina Graça, ás necessidades da nossa Terra;

Dai-nos, Senhor, umas ruas sem lixo e umas Avenidas por onde se possa transitar;

Tirai-nos, Senhor, o cheiro pestilento dos *boeiros*, que estão nas artérias principais da nossa histórica cidade;

Mandai, Senhor, retirar da rua D. João I, entrada da cidade, um enorme montão de entulho, que tão mal impressiona os nossos visitantes;

Dignai-vos, Senhor, ordenar uma fiscalização aos *açougues* de Guimarães, alguns dos quais devem desaparecer por se encontrarem fora de todos os preceitos higiênicos, especialmente os que existem na «Tulha» — *cemitérios* que exalam um cheiro a bafio tão intenso que chega, por vezes, a produzir os efeitos do clorofórmio!!

Vós, Senhor, que sois todo bondade e caridade, olhai por nós, Vimaranenses, que tambem devemos estar no *rol* dos vossos filhos. Por isso, Senhor, não nos deixeis viver por mais tempo na miséria em que estamos, porque nós e os nossos filhos vos seremos eternamente gratos. Não devemos ser vítimas de mais desprezos, visto que os que temos sofrido já devem ser os suficientes para castigo dos nossos pecados. Atendei, pois, Senhor, os nossos rogos; fazei-nos a nossa vontade e livrai-nos dos nossos inimigos. Assim seja.

«A imprensa é o auxiliar do cidadão e o espantallo do cobarde e do traidor. Porque há muitos que a odeiam, devemos nós amá-la. Diminuem-na, insultam-na, injuriam-na todas as iniquidades, todas as superstições, todos os fanatismos».

Victor Hugo

**NECROLOGIA**

Na sua casa á Praça de D. Afonso Henriques, faleceu no dia 29 do mês findo, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, sócio da casa Bento Santos Costa & C.<sup>a</sup>, nosso assinante e padrao da Ex.<sup>ma</sup> Esposa do nosso presado amigo e correligionário António Jordão. A toda a familia em luto, principalmente a este nosso presado amigo e correligionário o nosso cartão de pezames.

O funeral teve logar pelas 11 horas do dia 31 findo, na igreja de S. Francisco.

\* \*

No mesmo dia e na sua casa ao Largo Martins Sarmiento, tambem faleceu o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Augusto de Matos Chaves, um dos velhos republicanos que, com Alves da Veiga e outros desta cidade, se reuniram várias vezes no Hotel do Toural, muito antes do movimento do 31 de Janeiro, em propaganda republicana.

A sua Ex.<sup>ma</sup> Familia o nosso sentido pezar.

O funeral realisou-se no dia 31 do mês findo pelas 10 horas, na Igreja da Colegiada.

\* \*

D. Maria Adelaide Pinto de Castro Fernandes

Realisou-se na passada quarta-feira o funeral desta inditosa senhora, que era esposa do sr. João Mendes Fernandes e irmã do nosso particular amigo e correligionário, sr. Dr. Mário Dias.

Enviamos á familia dorida o cartão das nossas condolências, muito especialmente a este nosso querido amigo.

**Politica de sapa**

Uma certa casta de monárquicos, aquêles que ainda ambicionam uma monarquia, não desistem das suas intenções, procurando fazer vingar a traição por meio da cobardia. Sem coragem para apparecerem de cara descoberta na luta que travam com a República, escondem-se com a capa do crime e da hipocrisia.

São feras que apparecem no povoado para saciarem os seus instintos de crueldade e de vingança, *lufiltrando-se* com governos de caracter republicano para melhor poderem *tragar* a presa que desejam aniquillar.

Impotentes para lutarem frente a frente contra os republicanos, pretendem vencer estes usando dos mais ignobes processos, preparando-lhes as mais criminosas armadilhas! São aves de rapina, que querem assaltar os cofres do Estado, comendo até *estoirarem* de fartos! Mas não! Os republicanos saberão repelir, com energia, qualquer tentativa dos *assaltantes*. A República não receia os seus adversários, porque Ela vive no Coração da Grande maioria do povo português, o qual não a deixará morrer. Por isso, a República vive e viverá, porque todos nós, os bons republicanos, estamos em volta dela.

**VENDE-SE**

Automóvel «Overland», 5 lugares, em bom estado.

Falar na Praça de D. Afonso Henriques, 38 e 39.

**Familia republicana**

Todos os republicanos honestos e sinceros, aquêles que amam a República, leal e desinteressadamente, aquêles que colocam acima de tudo os seus principios republicanos, aquêles que sacrificam a própria vida pelo seu ideal, constituem a verdadeira e legitima familia republicana.

Hoje, mais do que nunca, todos estes republicanos são um por todos e todos por um, formando uma forte trincheira em volta da República, a fim de evitarem que os seus inimigos possam continuar a alimentar as esperanças que já deviam, desde há muitos anos, estar perdidas.

E como cada dia que passa é mais um dia de triunfo para os republicanos, os monárquicos desvairados e gananciosos procuram, por todos os processos, estabelecer a intriga entre a familia republicana, mas, felizmente, sem os resultados que desejam.

Não satisfeitos com a tolerância com que a República os tem favorecido, suas ex.<sup>mas</sup> querem ainda mais, muito mais;

Querem uma República para monárquicos; querem a desuriação dos republicanos; querem todos os privilegios e todas as regalias, mais, talvez, do que aquelas que tinham anteriormente á proclamação da República; Querem, enfim, ser os senhores do Estado republicano, pondo de parte tudo que seja escrupulo — quer politico, quer de consciencia, uma vez que saciem os seus desejos devoradores!

E são estes os homens da moralidade, os homens dum ideal *indestrutível*, os homens defensores duma monarquia que viveu, durante os últimos anos, principalmente, cheia de podridão e de miséria.

São estes *falsos adeptos* que mais combatem a República, que inventam desavenças entre republicanos, que os accusam de maus patriotas, etc., etc..

E é para criaturas destas que se levanta um padeiro á meia noite!!

**Lêde e propagai «A Velha Guarda»**

«O Jesuíta encontra-se e sente-se, sem se vêr, em toda a parte, desde os paços até á taberna; o jesuíta, veste gentilmente a farda bordada ou a farda lisa, a casaca ou o «paletot», a beca preta, rôxa, encarnada, ou a grosseira jaqueta do operário; o jesuíta, é mais impio que Voltaire ou mais fanático do que Pedro de Arbués ou Torquemada; é absolutista, democrata, socialista, comunista, se a ordem de Santo Inácio interessa com isso.»

Alexandre Herculano

**ANUNCIO**

Augusto José de Paiva, negociante, da freguesia de Serzedelo, convida qualquer credor incerto a apresentar as suas contas no prazo de 15 dias, a contar da primeira publicação do presente anuncio, em sua casa, em Serzedelo.

Esta numero foi visado pela Comissao de Censura

**Nos arraiais monárquicos**

Ao leitor talvez passasse despercebido um estranho incidente juridico levantado ha pouco nas columnas de «O Diário de Lisboa». Foi uma discussão á volta dos bens da Casa de Bragança. O caso vem inserto no «Primeiro de Janeiro», de 30 do mês findo. Relata-o o cronista de a «Carta de Lisboa». Em duas palavras; alguns elementos integralistas manejarão — *com cumplicidades criminosas* — uma intriga odienta a fim de que essa propriedade aproveitasse ao seu soberano teorico, Duarte Nuno. Alegavam que esse vinculo fóra permitido pelas leis liberais por constituir o apañagio dos príncipes herdeiros e... muitas coisas mais. Em conclusão: insinuavam no exilado de Richmond a proclamação de Duarte Nuno como seu herdeiro... ao trono teórico e a entrada deste sujeito na posse desses rendimentos. *Era uma mesada condigna.*

O quele é lá entre elles; *gostamos* de palanque. Porque, bem sabemos a quem tudo isso pertence. Nem era necessária tanta sciencia jurídica com essa ninharia. O cronista diz terem-lhe asseverado que naquêla manobra colaborou activamente uma alta personalidade, ha pouco demittida, com a sua *enourage* politica. Parabens.

**Falecimento do**

Professor Dr. Augusto de Matos Chaves

**Homenagem do Conselho Escolar**

O Concelho Escolar da escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda» — reunido em sessão extraordinária afim de resolver sobre as demonstrações de sentimento a prestar por virtude do falecimento do antigo professor daquêle Estabelecimento de Ensino, acordou, entre outras resoluções, em oferecer á Oficina de S. José a quantia de 100\$00 para sufragar a alma do saudoso extinto.

Deliberou mais suspender os trabalhos escolares no dia do funeral.

—A bandeira da escola encontra-se a meia haste.

—Os alunos fazem-se representar, em grande numero, com o seu estandarte no mesmo funeral.

Foi nomeado professor de Química Industrial, da referida Escola, por Decreto de 28 de Janeiro de 1887, na qual entrou em exercicio no dia 7 de Fevereiro do mesmo ano.

Por despacho de 7 de Junho de 1927, passou á situação de disponibilidade, tendo sido Aposentado, com a pensão annual de 16.000\$00, em 26 de Maio do ano findo.